

MANIFESTAÇÕES DE PRECONCEITO EM RELAÇÃO AS ETNIAS E AOS DEFICIENTES¹

JOSÉ LEON CROCHÍK

Instituto de Psicologia da USP
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo verificar se há relação entre manifestações de preconceito voltadas contra quatro alvos distintos: negro, judeu, deficiente físico e deficiente mental. Como hipótese supôs-se que haveria correlação entre as manifestações de preconceito dirigidas a esses quatro alvos, mas que duas delas seriam de maior magnitude: a correlação entre as manifestações de preconceito contra as etnias e aquela que relaciona essas manifestações voltadas aos deficientes. A amostra foi composta de 172 sujeitos primeiranistas de cursos superiores da cidade de São Paulo, 95 deles faziam cursos da área de biológicas e 77 o curso de Administração de Empresas. Construiu-se uma escala para verificar a manifestação de preconceitos. Nos dois grupos, foram encontradas correlações significantes entre os diversos preconceitos, sendo que as encontradas entre os preconceitos direcionados aos deficientes foram maiores que as demais. Sugere-se novas pesquisas para confirmar esses resultados.

Palavras-Chave: Preconceito; judeu; negro; deficiente físico; deficiente mental.

ABSTRACT

PREJUDICE MANIFESTATIONS AGAINST ETHNICS AND DEFICIENTS TARGETS

The aim of this research was to search for correlations between prejudice manifestations against four distinct targets: black, jew, physical and mental deficient. The hypothesis was that relations can be found between targets and that two of those relations will be stronger: between ethnic targets and between deficient targets. The sample was 172 sophomore graduate students of São Paulo: 95 enrolled in Biological and 77 students in Administration courses, who answered one scale designed to measure prejudice against specific targets in both groups, significant correlations were found between the two kinds of prejudice targets, being the stronger directed against deficient carriers. New researches are needed to confirm those results.

Key words: Prejudice; jew; black; physical deficient; mental deficient.

Endereço para correspondência: Rua Harmonia, 698, apto. 43. Vila Madalena, São Paulo - SP; CEP:05435-000; Telefone: 3815-2945; e-mail: jlchna@usp.br

¹ Apoio financeiro do Conselho Nacional do Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq, a quem o autor agradece.

O preconceito é um fenômeno presente ao longo da nossa história, apresentando-se nos conflitos entre grupos (Arendt, 1951/1979 e Horkheimer e Adorno, 1947/1985). É um fenômeno social, que tem também manifestação individual. Propiciando a cristalização de conceitos, colabora para que o indivíduo se torne avesso à experiência (Crochík, 1997). Como gerador de conflitos, contém estereótipos que justificam uma relação de hostilidade contra grupos que tenham aparência, costumes e/ou valores distintos do grupo ao qual pertence o preconceituoso. Os estereótipos correspondem a uma visão simplificada da realidade, ao 'pensamento do ticket', tal como delimitado por Horkheimer e Adorno (1947/1985).

Uma questão sobre o preconceito é saber se esse depende ou não do alvo para o qual se volta. Poder-se-ia pensar que os alvos suscitam a hostilidade do preconceituoso. Mas tal assertiva não é compatível com a conceituação, que a partir do século passado, segundo Duckitt (1992), passou a se desenvolver sobre o preconceito, considerando-o uma percepção alterada do objeto. Nesse sentido, Adorno (1967/1997) alega que a responsabilidade sobre a violência não deve recair sobre a vítima, mas naquele que a descarrega sobre ela. Isso não significa, contudo, que a representação atribuída à vítima independa da história dessa última, como veremos mais à frente, mas que essa é cristalizada, tornada natural.

Para pensar essa questão, cabe salientar os estudos de Arendt (1951/1979) e de Horkheimer e Adorno (1947/1985). Arendt contrapõe-se a duas explicações sobre o anti-semitismo, que são propícias ao preconceito em geral: a do "bode expiatório" e a de que, por ele sempre ter existido, seja natural aos homens. Na primeira explicação, a escolha do alvo é arbitrária, qualquer um poderia ser vítima da violência, na segunda, haveria algo intrínseco ao objeto, de forma que só ele poderia justificar a violência que recai sobre si. Assim, ou o preconceito independeria do seu objeto (teoria do 'bode expiatório'), ou seria dependente dele (teoria da 'vítima perpétua'). Para Horkheimer e Adorno (1947/1985), o preconceito pode ser considerado independente da vítima, mas não de sua representação, que se associa à deformação da história do objeto e a sua cristalização em elementos naturais².

Será que o preconceito, contudo, é diferenciado, tendo em vista diversos alvos? Podem alguns indivíduos desenvolver preconceitos em relação a alguns objetos e

² Importante enfatizar que Arendt (1974) assinala um papel mais ativo dos judeus no surgimento e desenvolvimento do anti-semitismo, de sorte que, menos do que representação, no passado, também as ações dos judeus propiciaram o anti-semitismo. Horkheimer e Adorno (1947/1985) não deixam, por sua vez, de acentuar algumas atitudes dos judeus que poderiam ter fortalecido o anti-semitismo, mas essas atitudes seriam mais inteligíveis à luz do processo do desenvolvimento do Esclarecimento, e, de qualquer forma, seriam mais reações do que provocações originais.

não des
relação
determi
mostrar
sido as:
lésbicas
RWA e
encontr
os hom
que ut
Domina
como c
medida
contra
respect
últimos
alvos, r
fortalec
alvos, i
a literat
que inc
ainda c
disso, c
implica

as nec
veterar
indicar
id, ou
pregui
expres
instânc
aos ju
enqua
encon
autore
introje

não desenvolvê-los em relação a outros? A pesquisa de Adorno et al. (1950) revela que há relação entre o etnocentrismo e o anti-semitismo, mas que poderiam existir certos determinantes independentes desse último em relação ao primeiro. Whitley e Bernard (1999) mostram que a medida desenvolvida por Altemeyer (Right-Wing Authoritarianism – RWA) tem sido associada com o preconceito dirigido a diversos grupos: afro-americanos, mulheres, lésbicas, homossexuais, deficientes, pessoas portadoras de AIDS, mas as correlações entre a RWA e as diversas medidas de preconceito têm sido distintas. Whitley e Bernard (1999) encontraram correlações que mostram que essa variável se associa com o preconceito contra os homossexuais (-0,47), mas não contra os afro-americanos (-0,01); já um outro instrumento que utilizaram, também associado à predisposição ao preconceito, “Orientação Social Dominante” (SDO), correlacionou-se tanto com o preconceito contra homossexuais (-0,54), como contra afro-americanos (-0,39). Altemeyer (1998) cita um estudo que envolve essas duas medidas associadas com o preconceito – RWA e SDO – e suas correlações com o preconceito contra homossexuais, negros e mulheres. As correlações obtidas com o RWA foram respectivamente: 0,61; 0,30 e 0,38; e as com o SDO foram: 0,42, 0,52, 0,49. Ainda que esses últimos estudos não apresentem correlações diretas entre os preconceitos voltados a diversos alvos, revelam que eles se associam de formas diversas com medidas de personalidade, o que fortalece a argumentação de que, se há correlação entre os preconceitos voltados a diversos alvos, isso não implica que eles não possam apresentar certa independência entre si. Ou seja, a literatura tem demonstrado que o preconceito tende a se generalizar para diversos alvos, o que indicaria uma tendência de ser independente de seu objeto. Mas as correlações obtidas, ainda que quase todas sejam significantes, são, em geral, de magnitude intermediária, além disso, os estereótipos voltados aos diversos alvos, em geral, não são os mesmos. Isso não implicaria a existência de peculiaridades nos diversos tipos de preconceito?

O estudo psicanalítico de Bettelheim e Janowitz (1950) ilustra a relação entre as necessidades psíquicas e os alvos aos quais se associam. Esses autores estudaram, em veteranos de guerra estadunidenses, o preconceito contra judeus e contra negros, e indicaram que os estereótipos sobre os negros tenderiam a corresponder aos desejos do id, ou seja, àqueles relacionados, por exemplo, com uma sexualidade exacerbada e com a preguiça; enquanto a hostilidade aos judeus seria devida aos imperativos do superego, que expressariam o que eles gostariam de fazer e não podem, devido à vigilância interna dessa instância psíquica, tal como poder enganar os outros, uma das características que atribuem aos judeus. Segundo esses autores, nos E.U.A, esse fenômeno se dividiria dessa maneira, enquanto na Europa, o judeu representaria ambos os tipos de desejos, o que vai ao encontro da análise que Horkheimer e Adorno (1947/1985) fizeram, ainda que esses autores também ressaltem que os judeus são perseguidos por representarem os ideais introjetados no superego, tais como sucesso financeiro e desenvolvimento intelectual.

As análises históricas do anti-semitismo, do racismo e de outras formas de preconceito também têm dado especificidade aos alvos analisados. Horkheimer e Adorno (1947/1985) mostram elementos históricos, na relação dos homens entre si e com a natureza, que conduziram ao anti-semitismo. Já Arendt (1951/1979) dá ênfase, na história de nossa civilização, aos aspectos sociais e políticos, mas sem considerar o movimento do Esclarecimento como determinante como o fazem os outros dois autores. Interessante notar que ambas as referências indicam que o anti-semitismo presente no movimento do nacional-socialismo não é o mesmo que existia nos séculos anteriores. Para Arendt, os judeus até meados do século dezenove financiavam os empreendimentos estatais, o que gerava hostilidade dos segmentos sociais contrários ao Estado; quando a burguesia, contudo, passou a assumir esse financiamento, os judeus começaram a perder a proteção estatal sendo relegados a financiar os empreendimentos privados; como não eram identificados a nenhuma classe social em particular e tinham alguma organização internacional, passaram a ser visados por aqueles que contrapunham o internacionalismo ao nacionalismo, com intuito imperialista, que foi o caso dos defensores do nacional-socialismo. Horkheimer e Adorno (1947/1985), por sua vez, alegam que no nazismo não havia mais o anti-semitismo, mas o 'pensamento do ticket', para o qual o anti-semitismo é apenas uma das marcas político-partidárias às quais se deveria aderir como um todo. Sem entrar nos argumentos que desenvolveram ambas as referências citadas neste parágrafo, é nítida a sua concordância na análise de alguns fatores históricos que foram tornados naturais pelos preconceituosos sob a forma de estereótipos, tais como a afinidade com o comércio e com a cultura, que de característica obtida em determinadas condições históricas passa a ser considerada intrínseca ao judeu. Dessa maneira, a manifestação do preconceito contra um mesmo alvo pode ter tido motivos diversos ao longo da história, mas o mesmo não parece ocorrer com os estereótipos, que seriam preservados para justificar essas diferentes motivações.

No que se refere ao racismo em relação ao negro, Bastos e Bastos (1999) distinguem a experiência que europeus e americanos tiveram em relação à escravidão. No Brasil e nos E.U.A, a escravidão marcou a divisão pela cor, ao passo que nos países europeus a segregação ocorreu devido à colonização dos países africanos, cuja parcela de habitantes, ao final do século passado, emigrou para os países que os colonizaram. Neste sentido, o tipo de discriminação existente em países da América e da Europa, em relação aos negros, seria distinto, o que implicaria também em estereótipos algo diferentes. Assim, se os estereótipos, para determinados grupos, têm uma certa estabilidade no tempo, parecem variar segundo as condições históricas nas quais uma determinada cultura se desenvolve.

também
integra
consid
esse úl
de ent
pensar
vestuár
pudera
hoje a
melhor
atribui
atribuí
necess.

para se
presen
ocorrir
defend
às min
Basta
decisiv
educaç
trabalh
a diferen
questo
distint
entre e

trabalh
deles c
Espera
precor
deficiê
relacio

A forma pela qual os deficientes foram tratados ao longo de nossa história também variou (ver Amaral, 1995), ora eles deveriam ser assassinados, ora divinizados, ora integrados. Mas o preconceito dirigido aos deficientes obriga a algumas outras considerações distintas das relacionadas ao preconceito étnico. Enquanto em relação a esse último, podemos, a partir do início do século passado, falar da variabilidade de formas de entender a existência e seus problemas, por meio da diversidade cultural, e, assim, pensarmos formas distintas de resolver problemas universais, tais como: alimentação, vestuário, saúde, justiça, organização do trabalho etc., e enquanto essas considerações puderam servir de base ao combate a esse tipo de preconceito, no caso dos deficientes, até hoje a diferença deles em relação aos não deficientes incide diretamente em termos de melhor ou pior adaptação. Se o preconceito voltado às etnias pode ser justificado pela atribuição de características naturais ao que é histórico, no caso dos deficientes, as falhas atribuídas a eles são mais facilmente consideradas naturais, o que não significa que, necessariamente, o sejam.

Seguindo Horkheimer e Adorno (1947/1985), a questão da adaptação é central para se entender os conflitos que a humanidade tem vivido até o momento, estando presente também na questão do preconceito. Mas tendo em vista os conflitos étnicos ocorridos do século passado até a presente data e o fortalecimento da vertente que defende as diferenças culturais em contraposição ao etnocentrismo, o preconceito voltado às minorias étnicas parece ter sido mais combatido do que o direcionado aos deficientes. Basta lembrar que só no final do século passado as atenções se voltaram, mais decisivamente, para os deficientes no âmbito da educação, mediante a defesa mundial da educação para todos (ver Ainscow, Porter e Wang, 1997). Além disso, como o âmbito do trabalho é essencial para nossa sociedade, neste momento histórico, podemos pensar que a diferença étnica seja menos problemática do que a deficiência, quando se considera esse quesito de adaptação. Enfim, caberia ampliar a questão enunciada anteriormente: haveria distintos tipos de preconceito, não só entre os dirigidos aos alvos étnicos, mas também entre esses e os voltados aos deficientes?

Considerando o que foi apresentado nesta introdução, o objetivo deste trabalho é verificar se há relação entre preconceitos dirigidos contra diversos alvos: dois deles de caráter étnico – negro e judeu – e dois referentes aos deficientes: físico e mental. Espera-se, como hipótese, que haja relações significantes entre as manifestações de preconceito voltadas aos alvos citados, e que elas se agrupem em torno das etnias e das deficiências, permitindo a delimitação de dois tipos de preconceito, que se são relacionados, não o são plenamente.

MÉTODO

Sujeitos

A amostra utilizada nesta pesquisa foi composta de 172 estudantes do primeiro ano de cursos superiores da cidade de São Paulo, com idade variando entre 18 e 23 anos; 51 do sexo masculino e 121 do sexo feminino. Pertenciam ao primeiro ano dos seguintes cursos: Fisioterapia – 28 sujeitos; Fonoaudiologia – 10 sujeitos; Enfermagem – 33 sujeitos; Nutrição – 24 sujeitos; e Administração – 77 sujeitos. Nessa amostra, não há sujeitos negros, judeus, deficientes físicos e os que tivessem deficientes mentais como parentes próximos, pois os dados preenchidos por esses sujeitos não foram considerados nesta pesquisa.

Material

a. Questionário de dados pessoais

Com perguntas de alternativas fechadas, esse questionário teve como finalidade a identificação de características dos sujeitos, tais como sexo, idade, cor da pele, religião, ter ou não deficiência física e proximidade de deficientes mentais.

b. Critério de Classificação Econômica Brasil da ABA/ANESP/ABIPEME (2000)

Elaborada por associações brasileiras de anunciantes e de pesquisa de mercado, essa escala é composta de duas partes: uma referente às posses do sujeito ou de sua família e outra, ao nível de escolaridade obtido ou pelo sujeito ou pelo chefe da família.

c. Escala de Manifestação de Preconceitos

Para este estudo, foi elaborada a escala de manifestação de preconceitos (escala P). A sua estrutura é a mesma da escala F, construída por Adorno et al. (1950), com itens do tipo Likert, de seis alternativas de respostas e a respectiva pontuação: discordância total – um ponto; discordância moderada – dois pontos; leve discordância – três pontos; leve concordância – cinco pontos; concordância moderada – seis pontos; e concordância total – sete pontos. Como é possível notar, a escala evita o ponto neutro e destaca a passagem da discordância parcial para a concordância parcial, atribuindo-lhe dois pontos. Quanto maior for a pontuação, maior, respectivamente, a manifestação de preconceitos. Não há itens invertidos. A escala P foi construída visando quatro alvos distintos de preconceito, dois deles relacionados a questões ditas étnicas: o judeu e o negro, e outros dois, a deficiências: física e mental. As afirmações foram elaboradas a partir de outras escalas, tais como a Escala de Anti-semitismo e a Escala de Etnocentrismo, elaboradas por Adorno et al. (1950), e da literatura específica

neste estudo para se obter o conteúdo. Apoiados atingiram com 1,0 ponto; a aplicação, o conjunto de dados para diminuir aos critérios foram avaliados últimos itens resolvidos às demais). amostra ut

conjunto de significantes adesão im resultado obtidas em nas encorajando correlação

³ Importante Meertens e julgasse prebaixos, ou se obrigou a t movimentos movimentos Stainback e considerado inclusiva, na negros e br. avaliam o pi caso e no o das alternat sujeito, ao : estaria adm

sobre os quatro alvos examinados³. Contou, inicialmente, com 48 itens.

A escala P foi aplicada sucessivamente a três amostras, semelhantes à utilizada neste estudo, com o intuito de saber o tempo médio de aplicação, a clareza das questões, e para se obter dados estatísticos que auxiliassem a pensar nas diversas afirmações que contém. Após cada aplicação, avaliamos cada um dos itens, que foram alterados quando não atingiram os seguintes critérios: média entre 2,5 e 5,5 pontos; desvio padrão menor do que 1,0 ponto; e correlação com o escore total da escala. O índice de coerência interna na terceira aplicação, obtido pelo Alpha de Cronbach, foi igual a 0,90. Como a escala foi aplicada em conjunto com outros instrumentos para a amostra desta pesquisa, foi reduzida para 25 itens, para diminuir o tempo de aplicação. Foram selecionados os itens que melhor se adaptaram aos critérios já explicitados anteriormente. Os alvos negro (N), judeu (J), deficiente físico (DF) foram avaliados por seis itens cada e o alvo deficiente mental (DM), por sete itens (os dois últimos itens escolhidos dessa subescala obtiveram indicadores semelhantes, e assim resolvemos manter ambos, o que resultou em um item a mais para essa subescala em relação às demais). O Alpha de Cronbach obtido por essa escala, de 25 itens, foi igual a 0,83 para a amostra utilizada nesta pesquisa. A Escala P utilizada encontra-se no Anexo I.

Por fim, cabe ressaltar também que, neste estudo, a escala F foi aplicada em conjunto com a escala P, e que a correlação entre os seus escores foi igual a 0,66, significativa ao nível de 0,001, o que indica que há relação significativa entre a tendência à adesão implícita ao fascismo, avaliada pela escala F, e a manifestação de preconceitos. Esse resultado é próximo dos que foram encontrados por Adorno et al. (1950) nas correlações obtidas entre a escala F e a escala de Anti-Semitismo, que em média foram iguais a 0,53, e nas encontradas entre a escala F e a escala de Etnocentrismo, que obtiveram uma correlação média de 0,73.

³ Importante ressaltar, no que se refere à atual distinção entre preconceito sutil e preconceito flagrante (ver Meertens e Pettigrew, 1999), que a construção dos itens dessa escala foi feita de forma a que o sujeito não se julgasse preconceituoso; isso foi necessário, também, porque as formulações iniciais obtiveram escores muito baixos, ou seja, a sua formulação suscitava a resposta 'discordo plenamente' com grande frequência, o que nos obrigou a torná-los menos diretos. Claro que isso ocorre de formas distintas para os diversos alvos. Os movimentos contra o preconceito étnico, segundo Duckitt (1992), surgiram no início do século passado, já os movimentos contra o preconceito voltado aos deficientes começam a se estruturar nas últimas décadas (ver Stainback e Stainback, 1999). Assim, se nos dias de hoje defender a existência de escolas especiais pode ser considerado preconceituoso, sobretudo entre os educadores, devido ao intenso debate sobre a educação inclusiva, na década de 1960, talvez não o fosse, mas nessa década defender a existência de escolas distintas para negros e brancos já era considerado preconceituoso (ver Jones, 1973). Em decorrência disso, talvez os itens que avaliam o preconceito racial sejam mais sutis do que os que se referem ao preconceito contra os deficientes. Num caso e no outro, procurou-se evitar o constrangimento dos sujeitos se sentirem preconceituosos, e a existência das alternativas que variam de discordo plenamente a concordo plenamente contribui para isso, posto que um sujeito, ao assinalar uma alternativa intermediária para qualquer item, não precisa se julgar preconceituoso, pois estaria admitindo que algumas vezes tal afirmação pode proceder e em outras vezes não.

PROCEDIMENTO

No segundo semestre de 2000 e no primeiro semestre de 2001, os instrumentos foram aplicados em salas de aula, depois de ter havido a concordância dos professores e dos alunos. Antes da aplicação, informamos aos sujeitos que se tratava de uma pesquisa sobre diversos temas da atualidade e garantimos o seu anonimato, o que também foi assegurado pela não identificação dos sujeitos no questionário inicial sobre dados pessoais.

Para facilidade de exposição, utilizaremos, daqui em diante, as siglas P, N, J, DF e DM para representar respectivamente a escala P e as subescalas Negro, Judeu, Deficiente Físico e Deficiente Mental.

RESULTADOS

Para a apresentação e análise dos resultados, inicialmente descreveremos os dados obtidos sobre a homogeneidade que as variáveis – a manifestação do preconceito na escala P e em suas subescalas – apresentaram em relação aos grupos que compõem a amostra, em relação ao sexo dos sujeitos e ao seu nível socioeconômico, e depois apresentaremos os que se referem ao objetivo desta pesquisa, ou seja, os dados referentes às relações entre os preconceitos perante os diversos alvos examinados.

1. Comparação do preconceito por curso, sexo e nível socioeconômico

Os resultados das análises de variância, que compararam os sujeitos por cursos que pertenciam, mostraram que, esses sujeitos, se diferenciaram unicamente na subescala de judeus ($F=3,21$; 4 e 168 graus de liberdade; e $p<0,01$); para os demais alvos não houve diferenças significantes. Com 4 e 168 graus de liberdade, obtivemos os seguintes valores: Negros: $F=0,78$; Deficientes Físicos: $F=0,85$; Deficiente Mental: $F=1,26$ e escala P: $F=0,92$.

Como obtivemos uma diferença significativa, em relação à subescala dos judeus, prosseguimos a análise para saber onde ela se situa. Para isso, comparamos os resultados obtidos pelos estudantes de Administração com os dos alunos dos cursos da área de ciências biológicas aplicadas - Fisioterapia, Fonoaudiologia, Enfermagem e Nutrição⁴ –, pela prova t de Student para amostras independentes. Com o nível de significância de 0,01 e 170 graus

⁴ Resolvemos unir os dados dos sujeitos desses cursos, devido ao fato de eles serem provenientes da área de ciências biológicas, para compará-los com os sujeitos do curso de Administração de Empresas, que não pertence a essa área.

de libe
(t=3,4
da áre
diferen

para a
signific
liberda

escore
obtive
os seg

signifi
Biológ
entre
respos
correl
grupo
forma

Admi

subes

de liberdade, houve diferença significativa entre esses dois grupos na subescala em questão ($t=3,46$). Comparamos, também para os valores obtidos nessa subescala, os quatro grupos da área de ciências biológicas entre si, pela análise de variância, e não encontramos diferenças significantes ($F=0,34$, 3 e 169 graus de liberdade; $p<0,01$).

Comparando-se os resultados dos sujeitos, por sexo, pela prova t de Student para amostras independentes, ao nível de 0,01, não encontramos nenhuma diferença significativa entre eles. Os resultados obtidos por meio dessa prova, com 170 graus de liberdade, foram os seguintes: N: $t=1,49$; J: $t=1,15$; DF: $t=0,83$; DM: $t=1,36$; e P: $t=0,78$.

Para saber se havia relação entre o nível sócioeconômico dos sujeitos e os escores obtidos na escala P e em suas subescalas, calculamos correlações de Pearson. Não obtivemos, ao nível de 0,01, nenhuma correlação significativa. Os resultados obtidos foram os seguintes; N: $r=0,01$; J: $r=-0,14$; DF: $r=0,07$; DM: $r=0,05$; e P: $r=0,00$.

Em síntese, das comparações efetuadas, só encontramos diferenças significantes entre os estudantes do curso de Administração de Empresas e os de Ciências Biológicas, na subescala do preconceito contra os judeus, não havendo nenhuma diferença entre os sexos e nenhuma correlação significativa entre o nível sócioeconômico e as respostas dos sujeitos à escala P e às suas subescalas. Assim, decidimos fazer a análise de correlações entre as manifestações do preconceito diante dos diversos alvos para dois grupos distintos: o composto por estudantes do curso de Administração (77 sujeitos) e o formado pelos alunos dos cursos da área de Biológicas (95 sujeitos).

2. Análise das variáveis experimentais.

Apresentaremos inicialmente os resultados dos estudantes do curso de Administração de Empresas e depois os dos cursos da área de Biológicas.

a. Curso de Administração de Empresas

A Tabela 1 apresenta as médias e os desvios padrão da escala P e de suas subescalas para os estudantes do curso de Administração de Empresas.

correlações obtidas entre a manifestação do preconceito voltado às etnias e aos deficientes. Pela fórmula de Hotelling para verificar diferenças entre correlações (ver Guilford e Fruchter, 1973, p. 167), com o nível de significância de 0,01, bilateral, observamos que as correlações que envolvem a escala P e os alvos étnicos (PN e PJ)⁵ não são significativamente diferentes entre si ($t=0,35$), o mesmo ocorrendo com as correlações da escala P e as subescalas de deficientes (PDF e PDM; $t=0,85$). Já as correlações entre a escala P com cada alvo étnico diferiram das correlações dessa escala com as subescalas dos deficientes (PJ e PDM - $t=2,95$; PJ e PDF - $t=2,06$; PN e PDM - $t=2,63$), com exceção das correlações que envolviam de um lado a escala P e os negros e de outro, a escala P e a subescala de deficientes físicos (PN e PDF - $t=1,63$).

Comparando, pela fórmula de Hotelling, as correlações obtidas entre os diversos alvos de preconceito verificamos que a correlação entre os preconceitos voltados às deficiências é significativamente diferente das correlações entre: deficientes físicos e judeus ($t=3,69$); deficientes físicos e negros ($t=3,26$); deficientes mentais e negros ($t=2,86$); e deficientes mentais e judeus ($t=3,02$). Não foi encontrada nenhuma outra diferença significativa entre as demais correlações, que envolvem os alvos, apresentadas nessa tabela. Ou seja, a correlação entre os preconceitos voltados aos dois tipos de deficiência examinados nesta pesquisa é significativamente maior do que a encontrada entre cada tipo de deficiência e os alvos de preconceito étnico; por outro lado, nessa amostra, a correlação entre os preconceitos voltados às etnias não diferiram significativamente das correlações entre cada um desses alvos e o preconceito voltado contra cada uma das deficiências em separado.

Para saber se as quatro subescalas se referem a um ou mais fatores, efetuamos uma análise fatorial, com o método do principal componente. Ainda que tenhamos poucos dados - 77 sujeitos -, como são somente quatro as variáveis a serem submetidas a esse procedimento, temos aproximadamente 19 dados por variável mensurada, o que é suficiente, segundo indica Hair et al. (1995). Nessa análise fatorial encontramos o $K.M.O.=0,70$ e o teste de Bartlett = 104,03, significativa a 0,000. Obtivemos um único fator ($eigenvalue=2,55$), com as seguintes cargas fatoriais: N: 0,77; J: 0,74; DF: 0,83; e DM: 0,85. A variação desses fatores corresponde a 64% do total. Note-se por esses dados que a subescala dos judeus é a que teve menor peso fatorial na escala P. O Alpha de Cronbach encontrado para esses dados foi igual a 0,86.

⁵ Para facilidade de exposição, as correlações são apresentadas pelas siglas das variáveis envolvidas. Assim, por exemplo, PN significa a correlação entre os escores da escala P e os escores da subescala Negro.

b. Cursos das Ciências Biológicas.

A Tabela 3 apresenta as médias e os desvios padrão da escala P e de suas subescalas para os estudantes dos cursos da área de Ciências Biológicas.

Tabela 3. Médias e desvios padrão dos preconceitos voltados para os diversos alvos para os cursos das Ciências Biológicas

Alvos	Média	Desvio padrão
N	1,8	0,8
J	3,0	1,0
DF	3,2	1,0
DM	2,6	1,0
P	2,6	0,7

Pode-se notar, pelos dados da Tabela 3, que a média obtida na escala P, tal como na amostra anterior, está entre a resposta discordância moderada e pequena discordância, indicando uma baixa manifestação de preconceitos. A maior manifestação de preconceito, entre os alunos de Ciências Biológicas, ocorreu em relação aos deficientes físicos e a menor em relação aos negros. Diferentemente da outra amostra, nessa, o preconceito contra os judeus é maior do que o dirigido contra os deficientes mentais. A variabilidade, indicada pelos desvios padrão, está ao redor de um ponto, com exceção das obtidas pelas escalas P e N.

Na Tabela 4 encontram-se as correlações entre as subescalas da escala sobre a manifestação de preconceitos para a amostra dos estudantes de cursos da área de Biológicas.

Tabela 4. Correlações de Pearson entre os escores das subescalas da escala de manifestação de preconceitos para os cursos de Biológicas

	P	N	J	DF	DM
N	0,70		0,28	0,44	0,48
J	0,66	0,28		0,29	0,40
DF	0,81	0,43	0,29		0,69
DM	0,86	0,48	0,40	0,69	
P		0,70	0,66	0,81	0,86

0,01. Com relacionad. subescalas correlaçõe mais baixa anterior, té foi a de m

de 0,01, bi a escala P e o mesmo PDM; t=1 correlaçõe t=3,20; P

correlaçõe correlaçõe (t=3,44); Também h e a correla significant tabela. Ou examinada de deficiêr entre os p entre os d dirigido a

principal subescalas 105,91; p com as se; variaçõe c etnias tiv

As correlações apresentadas na Tabela 4 são todas significantes ao nível de 0,01. Como para a outra amostra, a escala de manifestação de preconceitos é mais relacionada com as subescalas de preconceito contra os deficientes do que com as subescalas de preconceito contra as etnias, mas para os alunos dos cursos de biológicas as correlações entre as subescalas das etnias, principalmente a dos judeus, é razoavelmente mais baixa do que na outra amostra. As subescalas de deficientes, tal como na amostra anterior, têm alta correlação entre si. Já a obtida entre os preconceitos voltados às etnias foi a de menor magnitude.

Com a fórmula de Hotelling, citada anteriormente, com o nível de significância de 0,01, bilateral, verificamos, tal como na outra amostra, que as correlações que envolvem a escala P e os alvos étnicos (PN e PJ) não são significantemente diferentes entre si ($t=0,61$), o mesmo ocorrendo com as correlações da escala P e as subescalas de deficientes (PDF e PDM; $t=1,56$). Já as correlações entre a escala P com cada alvo étnico diferiram das correlações dessa escala com as subescalas dos deficientes (PJ e PDM - $t=4,84$; PJ e PDF - $t=3,20$; PN e PDM - $t=3,81$; e PN e PDF - $t=2,24$).

Quando comparamos as correlações dirigidas aos alvos verificamos que a correlação entre o preconceito voltado às deficiências é significantemente diferente das correlações entre: deficientes físicos e judeus ($t=4,84$); deficientes físicos e negros ($t=3,44$); deficientes mentais e negros ($t=2,73$); e deficientes mentais e judeus ($t=3,37$). Também houve diferença significativa entre a correlação entre deficientes mentais e negros e a correlação entre negros e judeus ($t=2,01$). Não foi encontrada nenhuma outra diferença significativa entre as demais correlações entre os alvos do preconceito, constantes dessa tabela. Ou seja, a correlação entre os dois tipos de preconceito voltado às duas deficiências examinadas nesta pesquisa é significantemente maior do que a encontrada entre cada tipo de deficiência e os alvos de preconceito étnico; por outro lado, nessa amostra, a correlação entre os preconceitos voltados ao negro e ao deficiente mental é maior do que a existente entre os direcionados ao negro e ao judeu. Nesse caso, uma correlação entre o preconceito dirigido a uma etnia e a uma deficiência foi maior do que a existente entre os alvos étnicos.

Para esses dados também calculamos uma análise fatorial, com o método do principal componente, considerando-se unicamente os totais obtidos nas quatro subescalas. Para essa análise fatorial, obtivemos o $K.M.O.=0,74$ e o teste de Bartlett= $105,91$; $p<0,00$. Como na outra amostra, encontramos um único fator (eigenvalue= $2,32$), com as seguintes cargas fatoriais: N: 0,72; J:0,60; DF: 0,82; e DM: 0,88. Foi obtida com uma variação de 58% do total. Corroborando os dados da tabela 5, as subescalas referentes às etnias tiveram menor peso na manifestação do preconceito do que as subescalas

relacionadas com os deficientes, e destaque-se que a comunalidade referente aos judeus foi baixa (0,33), ou seja, poderíamos, considerando esse dado, ter excluído essa variável do fator. O Alpha de Cronbach encontrado para esses dados foi igual a 0,80.

Em síntese, os dados desta pesquisa indicam que:

1. O preconceito, nas duas amostras examinadas, não é elevado, ainda que não deixe de existir;
2. O menor grau de manifestação de preconceito é o voltado ao negro e o maior, ao deficiente físico;
3. Há correlações significantes entre as manifestações do preconceito voltadas aos diversos alvos, ou seja, quem tende a ter preconceito em relação a um dos alvos examinados tende a ter também em relação aos outros alvos e vice-versa;
4. A correlação existente entre as manifestações de preconceito dirigidas aos deficientes é maior do que as voltadas às etnias nas duas amostras. Na amostra dos alunos de cursos das áreas de biológicas, a relação entre o preconceito voltado aos negros e aos deficientes mentais é maior do que a existente entre as etnias; e
5. Na amostra dos alunos do curso de Administração encontramos, por meio de uma análise fatorial, um único fator com as quatro subescalas, fortalecendo o que foi descrito no item 3 dessa síntese de resultados; já na outra amostra, encontramos também um único fator envolvendo as quatro variáveis, mas a subescala dos judeus poderia não ser considerada nesse fator.

DISCUSSÃO

A manifestação de preconceitos detectada pela escala P, nesta pesquisa, indica um baixo grau de preconceito em relação aos diversos alvos avaliados. Em relação aos judeus, obtivemos as médias 2,5 e 3,0 pontos, nas duas amostras, numa escala de 7 pontos. Adorno et al. (1950) encontraram um valor médio de 2,7, na amostra de mulheres da Universidade da Califórnia, com sua escala de anti-semitismo, que tem estrutura similar à utilizada neste estudo. Ou seja, o valor obtido foi próximo nas duas pesquisas, apesar de terem sido realizadas em períodos e lugares distintos, ainda que ambas tivessem amostras algo similares, ou seja, as duas eram compostas de estudantes universitários. Quanto ao preconceito dirigido aos negros, Adorno et al. (1950), no emprego da subescala Negros da Escala de Etnocentrismo, encontraram a média de 2,7 pontos, na amostra de alunos de Psicologia da Universidade da

Califór
talvez
que pe
comba
esse re
exister
tenha

amostr
central
se refe
valoriz
Isso pe
relaçã
capacit
dificult
'narcisi
identifi
ao defi
assim
precon

os dive
as enco
referen
pesquis
e o etn
ao jude
manifes
se difer
sofrido
contra
estejam

Deve-se
desta pe
populaçã

Califórnia, que é maior do que as que encontramos nesta pesquisa (1,8 e 2,0). Essa diferença talvez seja devida ao combate do preconceito contra o negro feito ao longo do século passado, que pode ter atenuado a sua manifestação. O preconceito contra o judeu talvez não tenha sido combatido de forma tão veemente. Ao mesmo tempo, podemos perguntar, tendo em vista esse resultado, se o preconceito contra o negro no Brasil não é efetivamente menor do que o existente nos Estados Unidos. Claro, temos de considerar também que a Escala P talvez não tenha captado tão bem esse preconceito, ou a forma pela qual se desenvolve no Brasil.

A manifestação do preconceito contra o deficiente físico foi a mais alta nas duas amostras pesquisadas, ainda que, em média, sua magnitude se encontre abaixo do ponto central da escala. A diferença entre o deficiente físico e o indivíduo que não é deficiente não se refere a valores ou costumes distintos, nem sequer a habilidades cognitivas – tão valorizadas em nossa cultura –, mas, em geral, a um déficit de locomoção e/ou de manuseio. Isso pode levar à dificuldade de identificação com alguém que traz 'mínimas diferenças' em relação aos normais (essas diferenças podem ser visíveis, mas não se referem à falta de capacidades de entendimento, de expressão, ou a diferença de costumes, que podem dificultar o relacionamento interpessoal), ou seja, ao que Freud (1930/1986) denomina 'narcisismo das pequenas diferenças'. Em relação ao deficiente mental é 'fácil' não se identificar conscientemente, considerá-lo como pertencente a um grupo à parte, mas quanto ao deficiente físico, que não tem dificuldades de pensar e falar, o mesmo parece não ocorrer; assim o preconceito, nesse caso, mais do que nos outros, ampliaria a 'distância' entre o preconceituoso e sua vítima, dificultando a identificação entre eles.

Os dados obtidos nesta pesquisa também indicam que, de fato, há relação entre os diversos tipos de preconceitos, ainda que não apresentem correlações tão elevadas quanto as encontradas por Adorno et al. (1950). Claro que a época e o lugar são outros, mas o conteúdo referente sobretudo às etnias é próximo, quando se considera as escalas utilizadas nas duas pesquisas. Ressaltando que a correlação obtida, por Adorno et al. (1950), entre o anti-semitismo e o etnocentrismo, é alta ($r=0,80$), e que a encontrada por nós, entre os preconceitos dirigidos ao judeu e ao negro, tem magnitude intermediária, podemos pensar se, com o tempo, a manifestação contra os judeus e a manifestação contra os negros não estão progressivamente se diferenciando entre si, talvez, como mencionado antes, devido ao visível combate que tem sofrido o preconceito contra os negros. Em outras palavras, como o preconceito, sobretudo contra o negro, em nosso meio, é bastante discutido e combatido, pode ser que os sujeitos estejam mais esclarecidos em relação a esse grupo, do que em relação aos outros⁶.

⁶ Deve-se lembrar, contudo, para esse e para os demais resultados a ser discutidos, que a amostra de sujeitos desta pesquisa é composta de estudantes universitários e, assim, não se refere aos outros extratos da população brasileira, que podem apresentar resultados distintos dos que os que estão sendo apresentados.

O mesmo não ocorreu com a relação entre as manifestações de preconceitos voltados aos deficientes, que foi a mais elevada em ambas as amostras pesquisadas neste estudo. Como dito anteriormente, o combate ao preconceito contra os deficientes ampliou-se consideravelmente no final do século passado, de sorte que ainda pode ser difícil para a maior parte das pessoas saber que está sendo preconceituosa e perceber quais são as reais possibilidades de suas vítimas, quanto mais diferenciá-las.

Na amostra dos estudantes do curso de Administração, a manifestação de preconceitos frente aos deficientes mentais foi, em média, a segunda maior, e na amostra dos alunos dos cursos de ciências biológicas, os judeus ocuparam essa posição. Considerando-se que, em ambas as amostras, as correlações obtidas do preconceito voltado a esses dois alvos não estavam entre as menores, pode-se pensar se a inteligência não é um fator que une ambos os tipos de manifestação, pois uns – os judeus –, por vezes, são caracterizados por ela, enquanto outros – os deficientes mentais –, quase sempre pela ausência dessa qualidade, assim o que estaria em questão seria o ódio à inteligência, que se apresentaria por manifestações diversas, mas coincidentes naquilo que se combate. Baseados nos estudos de Bettelheim e Janowitz (1950) e de Horkheimer e Adorno (1947/1985), poderíamos pensar que os deficientes mentais estariam representando, para o preconceituoso, o que se tenta superar com dificuldades: a incompreensão do mundo, e os judeus corresponderiam às expectativas do ideal do ego, ou seja, o que ainda não se alcançou. Por outro lado, o avanço da medicina e das profissões paramédicas – entre elas a fonoaudiologia, a fisioterapia, a terapia ocupacional – tem permitido aos deficientes mentais uma vida mais longa e com mais qualidade do que em épocas anteriores, mas talvez os resultados desse avanço ainda não sejam visíveis para a maioria. A luta pela inclusão dos deficientes na educação regular e no trabalho é mais recente do que a luta contra o preconceito contra o negro, isso talvez explique o fato de as manifestações de preconceito contra as deficiências serem mais elevadas do que a voltada contra o negro.

Quanto à relação da manifestação do preconceito voltado ao judeu com as outras manifestações, é importante destacar o dado obtido na amostra dos estudantes dos cursos de biológicas, na qual a manifestação desse preconceito, de magnitude maior do que a referente aos negros, parece pertencer a uma dimensão distinta dos outros tipos de preconceitos. Na amostra dos estudantes de Administração isso parece não ter ocorrido; nessa amostra houve uma correlação entre as etnias tão forte quanto a encontrada entre as etnias e os deficientes e, nesse caso, poderíamos supor tal como descrito em parágrafo anterior, que o preconceito étnico é mais diferenciado em sua diversidade do que o preconceito contra os deficientes. Na amostra dos sujeitos de ciências biológicas, contudo, poderíamos inferir a existência de um fator caracterizado pela visibilidade de três dos alvos, que seria distinto do fator do preconceito étnico, que se refere mais à diversidade de costumes. Ou seja, o fato de negros, deficientes

físicos e deficientes mentais apresentarem diferenças visíveis, em relação aos indivíduos considerados normais, pode ser o que explica a maior correlação entre eles, na amostra dos estudantes dos cursos da área biológica. Esses alvos lembrariam as imperfeições (consideradas socialmente como tais) que os preconceituosos tentam encobrir; assim, na sua presença, sentiriam-se incomodados e tentariam justificar pelos estereótipos a discriminação (positiva ou negativa) que voltam a esses grupos. Já os judeus seriam discriminados por outros motivos.

Em síntese, nossa hipótese de pesquisa foi parcialmente confirmada: há relação entre diversas formas de preconceito, mas elas guardam diferenças entre si, particularmente no que se refere às etnias. Provavelmente, aspectos culturais e individuais podem explicar quer o que há de comum entre os diversos tipos de preconceito, como o que há de diferente. Salientar a diversidade existente em cada um dos indivíduos pertencentes a esses grupos, sem desconhecer as suas semelhanças, de modo a identificá-los mais com a humanidade do que com o seu próprio grupo, e repensar alguns valores atrelados à adaptação, tal como a eficiência, que pode com vantagens, em boa parte, ser atingida pelas máquinas, são elementos que podem combater o preconceito. Mas não se deveria desconsiderar a especificidade de cada alvo, quer no que se refere à sua história, quer no que representa diante das necessidades psíquicas dos indivíduos.

Certamente, novos estudos deveriam ser realizados para corroborar, ou não, os dados aqui encontrados e para a obtenção de outros que permitam melhor compreensão do tema tratado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABA/ANEP/ABIPEME (2000). *Critério de Classificação Econômica Brasil*. Associação Brasileira de Anunciantes.
- Adorno, T.W. (1995). Educação após Auschwitz In: T. W. Adorno, *Palavras e Sinais*. (M.H. Ruschel, trad; pp. 104-123). Petrópolis: Vozes. (Original publicado em 1969).
- Adorno, T.W. (1997). Educación después de Auschwitz In: T. W. Adorno *Educación para la emancipación*. (J. Muñoz, trad.; pp. 79-92). Madri: Ediciones Morata. (Original publicado em 1967).
- Adorno, T.W.; Frenkel-Brunswik, E; Levinson, D.J. & Sanford, R.N. (1950). *The Authoritarian Personality*. New York: Harper and Row.

- Ainscow, M.; Porter, G. & Wang, M. (1997). *Caminhos para as escolas inclusivas*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.
- Altemeyer, B. (1998). The other 'authoritarian personality'. *Advances in Experimental Social Psychology*, 1, 47-92.
- Amaral, L.A. (1995). *Conhecendo a deficiência (em companhia de Hércules)*. São Paulo: ROBE ed.
- Arendt, H. (1975). *Anti-semitismo, instrumento de poder*. (R. Raposo, trad). Rio de Janeiro: Editora Documentário.
- Arendt, H. (1979). *As origens do totalitarismo – Anti-semitismo, instrumento de poder*. (R. Raposo, trad). Rio de Janeiro: Editora Documentário. (Original publicado em 1951).
- Bastos, J.G.P. & Bastos, S.P. (1999). *Portugal multicultural*. Lisboa: Fim de Século Edições.
- Bettelheim, B. & Janowitz, M. (1950). *Dynamics of prejudice*. New York: Harper.
- Crochík, J.L. (1997). *Preconceito, indivíduo e cultura*. São Paulo: ROBE editora.
- Duckitt, J.(1992). Psychology and prejudice: a historical analysis and integrative framework. *American Psychologist*, 47, 1182-1193.
- Freud, S. (1986). El malestar en la cultura. In: N. A Braustein, (Org.), *A medio siglo de el malestar en la cultura de Sigmund Freud*. (pp. 22-116). México: Siglo Veintiuno. (Original publicado em 1930).
- Guilford, J. P. & Fruchter, B. (1973). *Fundamental statistics in psychology and education*. New York: McGraw-Hill.
- Hair, J.F; Anderson, R.E.; Tatham, R.L.; & Black, W.C. (1995). *Multivariate data analysis*. (4ª ed.). New Jersey: Prentice-Hall.
- Horkheimer, M. & Adorno, T.W. (1985). *Dialética do esclarecimento*. (2ª ed.; G. A. Almeida, trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Original publicado em 1947).
- Jones, J.M. (1973). *Racismo e preconceito*. São Paulo: Edgard Blucher.
- Meertens, R.W. & Pettigrew, T.F. (1999). Será o racismo sutil mesmo racismo? In: J. Vala (org.), *Novos racismos: perspectivas comparativas*. (pp.11-29). Oeiras: Celta ed.
- Stainback, S. & Stainback, W. (1999). *Inclusão: um guia para educadores*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul.
- Whitley, Jr., P. & Bernard E. (1999). Right-wing authoritarianism, social dominance orientation, and prejudice. *Journal of Personality and Social Psychology*, 77, 1, 126-134.

temas
que: a
respoi

discor

ANEXO I

Escala de Manifestação de Preconceito

Nas próximas páginas, apresentamos conjuntos de afirmações sobre diversos temas. Gostaríamos de saber o grau da sua concordância com cada uma delas. Pedimos-lhe que: a) leia atentamente cada afirmação; b) responda segundo a sua primeira impressão; c) responda a todas as questões;

Obrigado!

Instruções: Assinale, ao lado de cada afirmação, o valor correspondente à sua discordância ou concordância em relação a ela, seguindo a seguinte escala:

1	2	3	5	6	7
Discordância Total	Discordância Moderada	Leve Discordância	Concordância Leve	Concordância Moderada	Concordância Total

01. Os judeus, com exceções, parecem preferir um modo de vida luxuoso, extravagante e sensual.
02. Dificilmente um portador de deficiência mental poderá trazer alguma contribuição efetiva à sociedade.
03. O portador de deficiência física, na maioria das vezes, incomoda-me, pois lembra a imperfeição humana.
04. Como negros e brancos têm preferências específicas quanto a tipos de música e de dança, não é de se estranhar que existam casas noturnas frequentadas quase exclusivamente por negros e outras por brancos.
05. Os judeus parecem se adaptar melhor a trabalhos que não exigem o esforço corporal.
06. O avanço da medicina com os seus métodos de detectar imperfeições nos fetos é importante pois impede o nascimento de pessoas com defeitos físicos.
07. Em geral, por mais que se esforce, um portador de deficiência física não consegue fazer as atividades do cotidiano tão bem como as pessoas normais.
08. Em geral, os portadores de deficiência física tentam compensar a sua deficiência sobressaindo nas atividades intelectuais.
09. Os negros têm uma tendência natural para o desporto e para a música, por isso exercem melhor esses tipos de atividades do que atividades intelectuais e administrativas.
10. O pior que pode acontecer com uma pessoa é ser portador de deficiência mental.

11. Teria receio de colocar os meus filhos em escolas que aceitam crianças com deficiência mental, pois estas crianças são imprevisíveis.
12. Os brancos conseguem, em geral, obter melhores empregos do que os negros, pois são mais disciplinados quanto às regras estabelecidas pelas empresas.
13. Para a própria felicidade dos portadores de deficiência física é importante que haja escolas especiais, trabalhos específicos e formas de lazer que permitam agrupá-los.
14. Teria dúvidas em matricular os meus filhos numa escola que ensinasse a cultura judaica.
15. É melhor que os judeus freqüentem as suas próprias organizações – clubes, escolas, etc. –, já que têm interesses e costumes específicos.
16. Os portadores de deficiência mental devem ter escolas especiais para educá-los, pois em escolas regulares atrapalham a aprendizagem dos que não são deficientes.
17. Os portadores de deficiência mental, em geral, não conseguem se fazer entender.
18. Os negros, geralmente, são menos preocupados com o trabalho do que as outras pessoas.
19. Para preservar melhor a cultura negra, talvez fosse interessante repensar os casamentos mistos.
20. Prefiro não ter filhos a ter um filho com deficiência física.
21. Numa sociedade democrática, os negros deveriam comportar-se como a maioria dos brancos.
22. O avanço da medicina com os seus métodos de detectar imperfeições nos fetos é importante, pois impede o nascimento de pessoas com deficiência mental.
23. Em algumas profissões, que exigem o curso universitário, há muitos judeus. Seria desejável um sistema social mais igualitário, no qual todos os povos estivessem igualmente representados.
24. As escolas judaicas deveriam dar menos ênfase ao judaísmo e mais atenção a valores como o de solidariedade.
25. Seria melhor para todos que os portadores de deficiência mental tivessem espaços próprios de convivência, onde ficariam mais à vontade para se expressar e trocar experiências.

Recebido em 22/04/04

Revisto em 05/07/04

Aceito em 09/07/04